

(Im)passes na transmissão

Escola Lacaniana de Psicanálise – RJ

“Tudo deve girar em torno dos escritos a serem publicados” (Lacan, 1973 em “Nota italiana”)¹

Em 1967, a nove de outubro, há quase cinquenta anos, ao pronunciar a sua proposição sobre o psicanalista da Escola, Lacan propõe o passe como um dos dispositivos de base para o seu funcionamento, rompendo com o didatismo da IPA, que determinava as regras *a priori* a serem cumpridas para se formar um analista.

Lacan destacou nesta data que há um real em jogo na formação dos analistas, que habita as instituições psicanalíticas como uma sombra espessa, que é a passagem do psicanalisante a psicanalista. O passe foi uma invenção de Lacan para jogar luz nesta sombra através de um dispositivo que espera recolher daqueles que finalizam suas análises um testemunho sobre a destituição subjetiva. Um testemunho, uma possibilidade de dizer de um impossível, d’isso que não cessa de não se escrever, nesta passagem ao ato de analisante à analista.

Se tudo, numa transmissão que concerne a cada analista com sua causa, deve girar em torno dos escritos a serem publicados, como escrever este impossível de real, que se presentifica não só ao final, mas nos pontos de passagem da formação de um psicanalista, tanto na sua própria análise, como na supervisão, participação em cartéis, transmissão na sua Escola, e no encontro com alguns outros, como acontece na Convergência?

Freud em dois de seus textos cruciais sobre a pulsão de morte, “Mal estar na civilização” e “Análise terminável e interminável”, destaca dois elementos que apontam o impasse que a referida pulsão traz para a conclusão de uma análise. No “Mal estar na civilização” (1930) refere-se à dificuldade de sublimação para o neurótico, e mesmo para aqueles que portam tal recurso, a impossibilidade de tudo sublimar. Em “Análise terminável e interminável” (1937) a parcela econômica do ônus do masoquismo, descrita na reação terapêutica negativa, um dos avatares do supereu, é um dos grandes obstáculos para o término de uma análise. Nesse texto crucial de 1937 sobre a formação do psicanalista para Freud, embora destaque o rochedo da castração como obstáculo último da análise, é a pulsão de morte que comparece como o resíduo daquilo que a ordem simbólica e o falicismo freudiano destacam como o interminável de uma análise.

Se o passe proposto por Lacan tem por objetivo a verificação do real desta passagem de analisante à analista, e desde Freud já apontamos que a sublimação é por estrutura impossibilitada de responder de forma conclusiva à pulsão de morte, o que está em jogo no final de uma análise no que concerne à pulsão? Qual o destino pulsional - que não seja obviamente o recalque, tampouco o retorno sobre o eu ou a reversão ao oposto, e sequer a sublimação - anima o desejo do psicanalista? Ou como Lacan

¹ LACAN, J. “Nota Italiana” (1973) in “Outros escritos”, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2003, pág. 315

interroga no Seminário XI “os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964): como o sujeito que atravessou a sua fantasia pode viver a pulsão?

É fato que uma análise não transcorre sem sublimação e seus efeitos, haja visto que há uma suspensão do Outro no processo sublimatório, levantando o recalque, onde o sujeito se vê representado falicamente de um significante para outro significante, possibilitando, assim, a experiência com a falta de objeto da demanda. Pois, o que é privilegiado é o trajeto pulsional causado pelo objeto, produto da criação sublimatória.

Mas como destaca Lacan, desde o Seminário X “A Angústia”, há um ponto irreduzível ao significante, um resto de gozo, já aqui descrito em termos freudianos pela via da pulsão de morte, que é o masoquismo originário, que escapa a qualquer processo sublimatório. Fazer-se de objeto é masoquismo. “O que mascara essa posição de objeto senão ir ao encontro de si mesmo, colocar-se na função de farrapo humano, do pobre dejetivo de corpo, separado, que nos é apresentado nessas telas?”²

O que distingue tal posição masoquista daquilo que Lacan descreve na já citada “Nota Italiana” do lugar de rebotalho do psicanalista? Diz Lacan: “Só existe analista se esse desejo lhe advier, que já por isso ele seja rebotalho da dita (humanidade). Digo-o desde já: essa é a condição da qual, por alguma faceta de suas aventuras, o analista deve trazer a marca... Se o analista se criva do rebotalho de que falei, é por ter um vislumbre de que a humanidade se situa pelo feliz-acaso(bon-heur), e é nisso que ele deve ter circunscrito a causa de seu horror, o dele próprio, destacado do de todos – horror de saber.”³

Não há sublimação possível deste ponto de rebotalho, dejetivo. Será o semblante a invenção do sinthoma, deste ponto onde não há Outro do Outro, de um psicanalista? O que cabe a um analista saber? O psicanalista não inventa apenas um “savoir-y-faire”, mas ele sabe que isso que ele faz, com isso que faz, é semblante do objeto, que consente em ser, não sendo, nem tendo.

O que é o saber do psicanalista? O que está em jogo para um psicanalista no que concerne ao saber é a “douta ignorância”. O insabido do inconsciente, que ninguém sabe, nem o pai, nem o analista, e que é a invenção de cada psicanalista no seu *savoir y faire*, no seu saber fazer com isso, enigma indecifrável, pois do real impossível, o que não cessa de não se escrever, trata-se de fazer com ele. É preciso ceder do ser narcísico, aquele que supõe saber quem é. “Ou seja, aquele que sabe que sabe, ora, esse sou eu” (Lacan, lição de 04 de novembro de 1971 do seminário “O saber do psicanalista”).⁴

A destituição subjetiva se dá no âmbito do final de análise, quando o analisante autoriza, a partir da travessia da sua fantasia, que o objeto **a**, que esteve revestido falicamente como significação do desejo do Outro, opere como causa de desejo. Pura insistência. O objeto **a** pode operar como letra, *lettre*, que transmite o real da experiência psicanalítica, que concerne à verdade e não ao saber. A letra, como descreve Lacan em *Lituraterra*, é o litoral entre o real do corpo e o simbólico do significante, litoral entre gozo e saber. A letra é a escrita do indizível da pulsão.

² LACAN, J. “O Seminário Livro X A Angústia” (1962-63), Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2004, pág. 182.

³ LACAN, J. “Nota Italiana”(1973) in “Outros escritos”, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2003, pág. 315.

⁴ LACAN, J., “Estou falando com as paredes”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011, pág. 22.

É falando que o sujeito se escreve numa análise e tem a possibilidade de livrar a letra recoberta pelo significante, permitindo o atravessamento do saber em direção à verdade da castração do sujeito, num dizer que porte uma enunciação mais do que um enunciado.

O ato analítico está sustentado na presença real do analista, suportada como causa, semblante de objeto. O psicanalista é aquele que sabe da sua condição de objeto, acéfalo da pulsão, mas ainda assim, se oferece como pato do real, para sustentar e pagar com sua pessoa, com seu ser e suas palavras, o lugar de transferência para um outro. “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”⁵

⁵ LACAN, J. “Nota Italiana” (1973) in “Outros escritos”, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2003, pág. 313.